



Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

## DUAS VISITAS A ALCIBÍADES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A REESCRITURA DE UM CONTO MACHADIANO

*Two visits to Alcibiades: considerations on the rewriting of a Machado de Assis's tale*

*Renato Oliveira Rocha<sup>1</sup>*

*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Araraquara*

**Resumo:** Neste artigo, teceremos algumas considerações sobre o conto "Uma visita de Alcibiades", publicado por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, em outubro de 1876, com o pseudônimo Victor de Paula e que, após um processo de reescrita, apareceu novamente na *Gazeta de Notícias*, em 1882, já com a assinatura do Bruxo do Cosme Velho. Da primeira para a segunda versão, as modificações feitas pelo escritor demonstram variações em relação ao narrador, aos personagens e à estrutura do texto.

**Palavras-chave:** Conto. Narrador. Machado de Assis.

**Abstract:** In this paper, we will weave some considerations on the short story "Uma visita de Alcibiades", published by Machado de Assis in *Jornal das Famílias*, in October 1876, under the pseudonym Victor de Paula and which, after a process of rewriting, appeared again in *Gazeta de Notícias* in 1882, now with the signing of Bruxo do Cosme Velho. From the first to the second version, the changes made by the writer show variations in relation to the narrator, the characters and structure of the text.

**Keywords:** Tale. Narrator. Machado de Assis.

*"O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço."*

Machado de Assis, "Instinto de nacionalidade", 1873.

### Considerações iniciais

Durante muito tempo, no período colonial, a imprensa foi proibida no Brasil, até o ano de 1808, com a transferência da família real de Portugal para o Rio de Janeiro. Para organizar a administração da Coroa Portuguesa, Dom João VI, em 13 de maio desse mesmo ano, decretou a criação da Imprensa Régia para a realização desses serviços, porém, a circulação de informações continuou sob censura. Somente algumas décadas depois, com os primeiros periódicos, a literatura começou a surgir nas páginas dos jornais, dando início aos romances de folhetim.

Nesse contexto, já com a circulação de jornais instalada e autorizada, surge um empreendimento tipográfico que seria frequentado por aquele que viria a ser o maior escritor do Brasil, Machado de Assis. Trata-se do *Jornal das Famílias*, uma verdadeira aventura editorial que teve como editor o francês Baptiste Louis Garnier, responsável pelas publicações no Rio de Janeiro, junto com seu irmão, Hippolyte Garnier, em Paris, que monopolizou o comércio de livros no Brasil até a década de 1920 (DUTRA, 2010, p. 71). A Garnier Frères, instalada no Rio de Janeiro em 1844, consolidou (e profissionalizou) a imprensa brasileira em seus primeiros anos e fez parte da vida cotidiana, intelectual e política dos brasileiros. Antes do *Jornal das Famílias*, Baptiste Louis tivera experiência com a *Revista Popular*, iniciada em 1859, mas que deixou de circular quatro anos depois, levando o editor a iniciar essa empreitada de sucesso para os padrões da época. O periódico, que tinha sede à Rua do Ouvidor e era impresso em Paris, circulou de 1863 a 1878 e, durante seus dezesseis anos de publicação mensal, com média de 32 páginas, foi responsável por disseminar hábitos de leitura e de comportamentos, devido, sobretudo, ao caráter pedagógico da publicação, que visava atingir o público feminino, pelas mãos do qual passava os cuidados domésticos. Inicialmente, o *Jornal das Famílias*, que era dedicado à ciência, às letras e às artes oferecia a seus assinantes as seções de anedotas, desenhos (aquarelas), moldes de crochê, bordados, tapeçaria e figurinos de modas.

48

Com o passar do tempo, os escritores tiveram participação ativa no periódico; entre os redatores/colaboradores, figuravam nomes como Alexandre Herculano, Augusto Emilio Zaluar, Joaquim Manoel de Macedo, Quintino Bocaiúva, entre outros. Destaca-se a colaboração de Machado de Assis, que participou assiduamente durante os anos de circulação da revista, com início em junho de 1864, com “Frei Simão” e término em dezembro de 1878, com “Dívida externa”.

Percebe-se que o *Jornal das Famílias*, além do pioneirismo gráfico de seu editor, foi importante ao acolher o “Machadinho” que começava a trilhar seu caminho como contista, uma vez que o periódico foi responsável por veicular alguns de seus principais contos, entre eles, “Uma visita de Alcibíades”, que mais tarde veio a compor o volume *Papéis avulsos*, em 1882 – coletânea que a crítica reconheceu como um divisor de águas na produção contística de Machado de Assis, comparado ao auge do escritor quando se fala dos romances, com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em forma de folhetim de março a dezembro de 1880, na *Revista Brasileira*, e recolhido em volume único em 1881.

Do *Jornal das Famílias* e de *Papéis avulsos*, o conto “Uma visita de Alcibíades” destaca-se como um dos casos de reescritura na prosa machadiana (outro deles é *Quincas Borba*). Tentaremos, aqui, tecer algumas considerações sobre a história do grego Alcibíades<sup>1</sup> que, mais de dois mil anos depois de sua morte, faz uma visita ao século XIX brasileiro nesse conto revisitado por Machado de Assis.

### Escrita e reescrita

A produção de Machado de Assis como contista começou a receber a atenção da crítica há pouco mais de duas décadas, sobretudo com o trabalho de Sílvia Azevedo, a Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, intitulada “A trajetória de Machado de Assis: do *Jornal das Famílias* aos contos e histórias em livros” (1990), na qual a pesquisadora traçou o percurso do escritor e demonstra a importância que os anos iniciais de sua produção têm para, mais tarde, atingir a maturidade na escrita. Hoje, os contos machadianos recebem mais atenção e, reconhecidamente, Machado alcançou o domínio do gênero a partir das colaborações nos periódicos da época, sobretudo no *Jornal das Famílias*. Assim, fica “[...] a sensação de que foi no conto, e não no romance, que Machado encontrou seu elemento.” (FISCHER, 1998, p. 147). Como historiador de seu tempo e homem do século XIX, o escritor captou a vida brasileira através da ficção.

Em outubro de 1876, Machado de Assis publicou, nas páginas do *Jornal das Famílias*, o conto “Uma visita de Alcibíades”, com o pseudônimo de Victor de Paula. O tema dessa narrativa destoa do estilo de conto moral, que era praticado por Machado e pelos demais colaboradores, e que iam ao encontro da proposta da revista, ou seja, instruir as donas de casa (principalmente em relação ao tema do casamento e sobre as questões de vaidade) através dessas publicações. Porém, o conto atende à necessidade de ficção que tanto agrada ao brasileiro – antes com os folhetins e hoje com as telenovelas.

O conto se abre com um narrador em terceira pessoa, que apresenta o desembargador Alvares, descrito como companhia indispensável em festas como o Natal. No momento em que o desembargador começa a narrar o que lhe aconteceu no sábado anterior, a voz narrativa assume a primeira pessoa:

---

<sup>1</sup> Alcibíades Clinias Escambónidas. Atenas, 450 a.C. – Melissa, Frígia, 404 a.C. Foi um general e político ateniense, considerado uma das figuras mais importantes e ambíguas da Grécia, foi biografado por Plutarco (46-120 d.C.).

– Não contarei uma anedota mentirosa, dessas que os redatores de folhinhas augmentam ou remendam para o regalo dos freguezes. Vou referir o que me aconteceu sabbado passado.

Sabbado passado, logo depois do jantar, estire-me no divan e abri uma pagina de Plutarcho. Estas meninas talvez não saibam que Plutarcho é um autor grego. Pois fiquem sabendo. É autor profano e pagão. Sem embargo d’isso, tem muitos merecimentos (*sic.*) (PAULA, 1876, p. 305).

Aqui, o narrador-personagem joga com o próprio suporte no qual o conto se insere, o público-alvo: as leitoras do *Jornal das Famílias*, ao explicar de forma didática alguns pontos da história, como no caso do biógrafo grego. A história começa a tomar ares de conto fantástico quando o narrador, após o jantar, começa a ler sobre o grego Alcibíades em um volume de Plutarco, acompanhado de um charuto e a sua “digestão literária” se resumiria aparentemente a uma visita rápida à Grécia antiga. Terminado seu alumbramento, o desembargador Alvares olha para suas roupas e pergunta-se qual poderia ser a impressão de Alcibíades sobre o seu vestuário e justifica as situações que viriam a acontecer dizendo: “Não sei se sabem que sou um tanto espiritista. Não se riam; sou até muito. Posso dizer que vivo, cômico, durmo, passeio, converso e espero morrer na fé de Allan Kardec. [...] (*sic.*)” (PAULA, 1876, p. 306). O desembargador mostra-se adepto do espiritismo, doutrina que chegou ao Brasil na década de 1870; a partir de 1875 surgiram as primeiras traduções da obra de Allan Kardec, que foram editadas por B. L. Garnier. Sabe-se que o assunto aparece nas crônicas de Machado e também em *Esau e Jacó*, por exemplo, no episódio em que Agostinho Santos, pai dos gêmeos, procura o doutor Plácido, seu amigo e adepto do espiritismo, de quem ouve uma série de conjeturas e combinações em relação aos nomes Pedro e Paulo e ao conteúdo da carta de São Paulo aos Gálatas, que aponta um desentendimento entre os apóstolos, cujos nomes eram iguais aos de seus filhos, o que impressionou Santos. Nesses dois casos, invariavelmente, Machado trata o espiritismo com desconfiança e torna as situações cômicas ou, pelo menos, difíceis de serem sustentadas com os argumentos de seus personagens.

Alvares convocou o ilustre grego e, em cinco minutos, ele estava de volta à vida, em pleno Rio de Janeiro do século XIX. A narrativa começa a apresentar uma das características desse gênero praticado pelo Bruxo. De acordo com Luís Augusto Fischer, no ensaio “Contos de Machado: da ética à estética”,

Os contos de Machado de Assis produzem no leitor uma impressão incômoda, uma leve irritação. Quase nunca encontramos neles a tranquilidade de um desfecho apoteótico para o qual tudo converge e que confere sentido a cada uma das

partes anteriores. [...]. Em muitos casos o narrador toma a frente da cena, cortando o fluxo da história relatada que, porém, parece ela ser o mais importante pelo encaminhamento da própria apresentação do enredo. Em muitos outros casos, o narrador ajuíza sobre os fatos, roubando ao leitor a chance de deduzir por conta própria o sentido moral da história. [...]. Quase nunca um conto é abertamente satírico, escarnecedor, mas muitas vezes parece apenas isso. [...]. (FISCHER, 1998, p. 153-154).

No caso de “Uma visita de Alcibíades”, a sátira está presente e fica caracterizada a partir do momento em que o desembargador e o grego entram em contato. Nesse momento, Alvares começa a relatar as notícias do século até que o convida para ir a um baile, com a condição de deixar as vestes gregas e usar as roupas da moda, para o espanto de Alcibíades. Este fica surpreso com o vestuário de Alvares, sobretudo por causa da cor escura das calças, chamadas por ele de “canudos pretos”. A cena atinge a comicidade quando o visitante grego confunde uma gravata com uma corda, tendo sido tranquilizado pelo desembargador. Os deslumbramentos se sucedem até que Alvares complete seu traje com um chapéu: “[...]. Alcibíades olhou para elle e para mim, empallideceu e cambaleou. Corri ao illustre atheniense; era tarde. Tinha cahido no chão. Quando lhe puz a mão no peito, vi que estava deante de um cadaver. Que havia de fazer? Mandei-o para o necroterio (*sic*).” (PAULA, 1876, p. 308).

Assim termina a primeira versão do conto, sob o pseudônimo de Victor de Paula. O modo como o narrador nos conta o ocorrido assinala o contraste entre passado e presente, entre o mundo grego antigo e o mundo moderno, marcado pelo progresso que o século XIX acreditava ter atingido. Nesse conto, podemos classificar quem assume as “rédeas” da narrativa como possuidor da “visão com”, de acordo com a definição de narrador-personagem de Jean Pouillon (1974), no livro *O tempo no romance*, uma vez que o narrador, apesar de passar da primeira para a terceira pessoa, continua transmitindo a mesma visão dos acontecimentos que apenas um personagem, no caso o desembargador Alvares tinha. Ou, para ficar com a definição de Norman Friedman (2002), de “Narrador onisciente neutro”, que diz sobre este tipo:

Com relação à caracterização, embora um autor onisciente possa ter predileção pela cena e, conseqüentemente, permita a seus personagens falar e agir por eles mesmos, a tendência predominante é descrevê-lo e explicá-los ao leitor com sua voz própria. [...]. A característica predominante da onisciência, todavia, é que o autor está sempre pronto a intervir entre o leitor e a estória, e, mesmo quando ele estabelece uma cena, ele a escreverá como a vê, não como veem seus personagens (FRIEDMAN, 2002, p. 175).

À primeira versão do conto sucedeu-se outra, já com a assinatura de Machado de Assis, na *Gazeta de Notícias*, em 1º de janeiro de 1882, acompanhada por uma nota, indicando que o conto foi reformado, porém a ideia era a mesma, além de mencionar o pseudônimo que passou despercebido da primeira vez. No mesmo ano, “Uma visita de Alcibíades” passou a compor o volume *Papéis avulsos*; essa nova versão, modificada e estendida, reconfigurou a estrutura e alguns aspectos do conto, conforme tentaremos demonstrar aqui.

Na segunda versão, maior em relação à primeira, Machado utiliza a moldura do gênero carta para estruturar o conto: “CARTA DO DESEMBARGADOR X... AO CHEFE DE POLÍCIA DA CORTE”, datada em 20 de setembro de 1875 (por coincidência, o mesmo ano em que a obra de Allan Kardec começou a ser traduzida e difundida no Brasil). O narrador-personagem usa a 1ª pessoa para relatar como se deu a segunda morte (pela segunda vez) de Alcibíades nessa versão paródica emoldurada no gênero epistolar. Assim, o conto assume a subjetividade do narrador que, arbitrariamente, vai relatar ao chefe de polícia como Alcibíades reviveu e morreu em sua presença, uma vez que ele é a única testemunha.

É possível dizer que esse narrador não merece a confiança do leitor por alguns motivos. A começar pelo tom que o Desembargador se apresenta ao seu destinatário: “Desculpe V. Ex<sup>a</sup>. o tremido da letra e o desganhado do estilo; entendê-los-á daqui a pouco.” (ASSIS, 2011, p. 221). Além disso, ao ler esse conto em forma de carta, ficamos sabendo que o narrador foi companheiro de estudos do chefe de polícia, ou seja, o narrador não é confiável. Basta lembrar-se de outros bacharéis em Direito que povoam a ficção de Machado de Assis: Bento Santiago, Brás Cubas e Aires. Assim como estes últimos, o narrador de “Uma visita de Alcibíades”, tanto na primeira quanto na segunda versões tem grande poder de convencimento e, sendo assim, sabem argumentar bem em seu favor.

O tema continua o mesmo: depois do jantar, o narrador deixa-se envolver pelo clima da Grécia, “viajando”, desligando-se das coisas de seu tempo e, durante alguns minutos, passeia pelas ruas atenienses em meio aos monumentos gregos. É possível associar essa voz que narra ao que Norman Friedman chamou de “Eu” como testemunha. Na definição de Friedman,

O narrador-testemunha é um personagem em seu próprio direito *dentro* da estória, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa. [...]. Uma vez que o narrador-testemunha pode resumir sua narrativa em qualquer ponto dado, assim como apresentar uma cena, a distância entre o leitor e a estória pode tanto ser larga ou curta, ou ambas. Podemos

notar aqui que as cenas são apresentadas de modo direto, como a testemunha as vê. (FRIEDMAN, 2002, p. 175-176).

A evocação a Alcibíades ocorre da mesma forma, depois que o narrador olha para suas roupas modernas e questiona-se sobre qual seria a impressão do grego em relação a elas. A essa altura, o desembargador diz: “Sou espiritista desde alguns meses.” (ASSIS, 2011, p. 223), diferente da expressão utilizada na primeira versão, na qual o desembargador Alvares era “um tanto espiritista”. A autoconfiança do protagonista permitia convocar Alcibíades para comparecer em sua casa a fim de esclarecer sua dúvida em relação ao vestuário moderno: “[...]. Conjeturar qual fosse a impressão de Alcibíades era desperdiçar o tempo, sem outra vantagem, além do gosto de admirar a minha própria habilidade. Determinei, portanto, evocar o ateniense; pedi-lhe que comparecesse em minha casa, logo, sem demora.” (ASSIS, 2011, p. 223). Tão rápido quanto na primeira versão do conto, só que agora em dois minutos, Alcibíades estava, em carne e osso, na presença do desembargador que, contrariando seu próprio chamado, demonstrou descrença em relação àquilo que via e, emocionado diante daquela situação, reconhecia que “Era claro que, sem o pensar, acabava eu de dar um grande passo na carreira do espiritismo; mas, ai de mim! não o entendi logo, e deixei-me ficar assombrado. [...]” (ASSIS, 2011, p. 224). Aqui, o caráter cômico do conto se constrói através do contraste entre os dois mundos, representados pelo desembargador e por Alcibíades, o que confere maior extensão ao texto a partir da exploração das diferenças.

No conto inserido na coletânea *Papéis avulsos*, o narrador dá notícias de como vai o seu tempo a Alcibíades e o desembargador se admira que o grego não saiba de tais informações, que os mortos não lhe tivessem contado nada, contraditoriamente ao que se imagina ocorrer no além. Para justificar a impossibilidade de saber das novidades, o autor da carta (que era espiritista desde alguns meses) relata ao chefe de polícia como se dá a organização dos espíritos no mundo dos mortos:

[...] em primeiro lugar, [...] é tanta e tantíssima a multidão de espíritos, que estes se fazem naturalmente desencontrados; em segundo lugar, porque eles lá congregam-se, não por nacionalidades ou outra ordem, senão por categorias de índole, costume e profissão: assim é que ele, Alcibíades, anda no grupo dos políticos elegantes e namorados, com o duque de Buckingham, o Garrett, o Nosso Maciel Monteiro, etc<sup>2</sup>. [...] (ASSIS, 2011, p. 225).

---

<sup>2</sup> Em nota de Hélio Guimarães (p. 225-226) para a edição de “Uma visita de Alcibíades” que utilizamos aqui, somos informados sobre a existência de mais de um duque de Buckingham, mas a referência de Machado aqui é a George Villiers (1628-1687), cuja

Na sequência, o narrador faz um longo discurso para dar as notícias que Alcibíades desconhecia sobre a política de sua Grécia moderna, ao que este responde apenas “ – Bravo, atenienses!” (p. 226). Alcibíades não sabia sequer da “morte” de seus deuses:

[...] a ciência reduziu todo o Olimpo a uma simbólica. Morto, tudo morto.

– Morto Zeus?

– Morto.

– Dionisos, Afrodita?...

–Tudo morto.

O homem de Plutarco levantou-se, andou um pouco, contendo a indignação, como se dissesse consigo, imitando o outro: – Ah! Se lá estou com meus atenienses! – Zeus, Dionisos, Afrodita... murmurava de quando em quando. [...]. (ASSIS, 2011, p. 228).

A desconfiança na figura que escreve a carta aumenta, e a impressão é a de que as notícias do mundo moderno são mais interessantes e importantes do que saber o que se passa no mundo dos mortos, uma vez que o narrador se diz espiritista, e esse discurso reforça a ideia positivista, por assim dizer, que o século XIX é mais importante do que os mistérios *post mortem* e do que o legado que a Grécia deixou, carregando nas tintas do cômico.

Nesta “segunda visita”, Alcibíades se interessa em ir ao Cassino Fluminense, local onde eram realizados os bailes e saraus da sociedade carioca, porém, era preciso que trocasse suas vestes, pois, para o desembargador, parecia que ele iria representar alguma comédia de Aristófanes. O narrador começa a se vestir e a apresentar as roupas de seu século ao visitante, que acompanha tudo com espanto. Começa a se definir o choque cultural até que o ateniense fica admirado com os canudos pretos de pano que o narrador usava, ao passo que este justificava o uso das vestimentas pelo fato de que seu século (sério) exigia decoro nos trajes: “[...]. Mas a arte de vestir é outra coisa. Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo, – belo à nossa maneira, que não andamos a ouvir nas ruas os rapsodas recitando os seus versos [...]. Tu mesmo, se te acostumares a ver-nos, acabarás por gostar de nós, porque...” (ASSIS, 2011, p. 231). Novamente nesta versão, antes que o desembargador pudesse terminar a frase, Alcibíades pensa que seu anfitrião iria se enforcar com a

---

personalidade era de um brincalhão, o que custou-lhe maior influência no governo de Charles II; Maciel Monteiro refere-se a Antônio Peregrino Maciel Monteiro (1804-1868), o segundo barão de Itamaracá, galanteador que usava a poesia como arma de sedução. Ele é um dos célebres “Leões do Norte”, mencionados por Joaquim Nabuco em *Um estadista do império*.

gravata. Este riu e depois lhe explicou a utilidade daquele acessório, que deixava sua figura ainda mais escura. Para completar o vestuário, o narrador colocou o chapéu e, após isso, viu Alcibíades cambalear e cair:

[...]. Corri ao ilustre ateniense, para levantá-lo, mas (com dor digo) era tarde; estava morto, morto pela segunda vez. Rogo a V. Ex<sup>a</sup>. se digne expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério, e se proceda ao corpo de delito, relevando-me de não ir pessoalmente à casa de V. Ex<sup>a</sup>. agora mesmo (dez da noite) em atenção ao profundo abalo por que acabo de passar, o que aliás farei amanhã de manhã, antes das oito. (ASSIS, 2011, p. 232).

Assim termina a segunda versão da segunda morte de Alcibíades nesse conto reformulado por Machado de Assis. Em sua leitura do processo de reescrita de “Uma visita de Alcibíades”, Cilene Margarete Pereira (2012), no ensaio “Das páginas do jornal ao livro: as versões do conto ‘Uma visita de Alcibíades’ de Machado de Assis” identifica que o tema aproveitado pelo escritor está associado à sátira menipeia, problematizada por Bakhtin, no volume *Problemas da poética de Dostoiévski*, e reconhece os efeitos desse gênero sério-cômico na estrutura dialógica que o conto produz, justamente por causa do confronto das épocas, das ideias e dos valores que cada tempo (o da Grécia antiga e o do século XIX brasileiro) tem, e aponta a passagem do gênero fantástico, que caracterizaria a 1ª versão para a narrativa policial fantasiosa na segunda versão, uma vez que está indicado no subtítulo tratar-se da comunicação de uma morte (PEREIRA, 2012, p. 10).

55

### **Encerrando a visita**

Conforme tentamos demonstrar neste trabalho, e como já observou Daniela Magalhães da Silveira (2010) em *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis, estudo sobre as narrativas do Bruxo do Cosme Velho em Papéis avulsos e Histórias sem data*, “o conto mais trabalhado por Machado de Assis foi ‘Uma visita de Alcibíades’” (p. 110). Machado mostrou-se “antenado” com as propostas editoriais de cada periódico para adaptar sua escrita a cada um deles. Para o *Jornal das Famílias* a primeira versão, na qual o narrador se aproximava das moças (portanto, o público-alvo da publicação); já para a *Gazeta de Notícias* a segunda, reformulada, uma vez que o público leitor desse periódico não era exclusivamente feminino, e justamente por isso Machado levou em conta o perfil dos leitores.

Podemos tirar uma conclusão a respeito das duas visitas que Machado fez à história do grego Alcibíades: o conto, sem dúvida, faz parte da fase madura do escritor quando se fala nesse gênero literário, basta

observar as demais obras que compõem *Papéis avulsos*, como por exemplo, “O alienista”, “A sereníssima república”, “Teoria do medalhão”, entre outros que são reconhecidamente apontados pela crítica, no que diz respeito ao conteúdo, como portadores dos temas que circulavam na sociedade brasileira do século XIX e faziam parte do cotidiano. Também em “Uma visita de Alcibíades”, Machado de Assis captou as ideias positivistas de seu tempo ao contar o espanto que um grego antigo poderia ter (e, de fato o teve em sua escrita) ao deparar-se com o vestuário moderno do Século das Luzes e, sobretudo, demonstra o seu instinto de nacionalidade (que já exigia dos escritores em 1873), comprovando isso ao tratar de um assunto atual no qual utiliza personagens remotos no tempo e no espaço.

### Referências:

ASSIS, Machado de. “Uma visita de Alcibíades”. In: *Papéis avulsos. Introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 221-232.

DUTRA, Eliana de Freitas. “Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 67-87.

FISCHER, Luís Augusto. “Contos de Machado: da ética à estética”. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de; MELO E SOUZA, Ronaldes de. (orgs.). **Machado de Assis**, uma revisão. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 147-165.

FRIEDMAN, Norman. “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. In: **Revista USP**. n. 53. Março/maio 2002. p. 166-182. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/53/15-norman-2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

PAULA, Victor de. “Uma visita de Alcibiades”. In: **Jornal das Famílias** (Acervo digital da Biblioteca Nacional). Rio de Janeiro: Garnier, out. 1876. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 20 ago. 2013. p. 305-308.

PEREIRA, Cilene Margarete. “Das páginas do jornal ao livro: as versões do conto ‘Uma visita de Alcibíades’ de Machado de Assis”. In: **REEL - Revista de Estudos Literários** (UFES). Ano 8, n. 10. p. 1-22, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/reel/article/view/4046/3222>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TODOROV, Tzvetan. "As categorias da narrativa literária". In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto; introdução de Milton José Pinto. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 218-264.

## Anexos

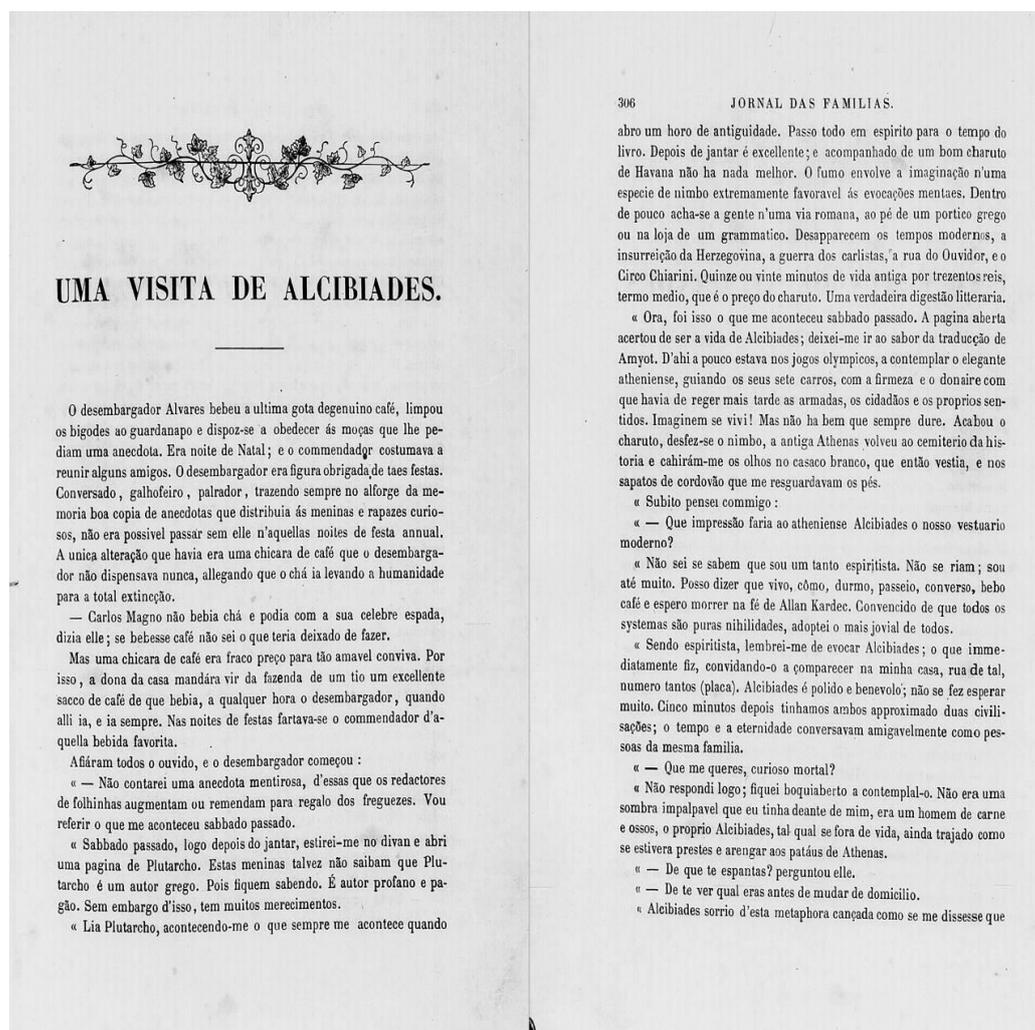


Figura 1: Primeira versão de "Uma visita de Alcibiades". *Jornal das Famílias* T. XIV, Outubro de 1876.

não valia a pena incommodar um membro illustre do povo mais espirituoso da terra para lhe repetir uma figura já desprezada dos mias piílos rhetóricos. Sorriu; e sentou-se benevolmente na cadeira de balanço que ficava defronte de mim. Começámos então uma conversa singularmente interessante. Dei-lhe noticias do seculo; contei-lhe o que ia pela patria; fallei-lhe do parlamento grego, instituição que elle não comprehendeu muito — e referi-lhe a facilidade com que Bulgaris e Comondouras, estadistas seus patricios, andavam a cabir e a subir ao ministerio.

« — Sempre athenienses! murmurou elle. Mais, a final por que motivo me mandaste chamar?

« — Queria propôr-te uma cousa.

« — Dize.

« — Queres ir commigo a uma *soirée*?

« A idéa de *soirée* não podia entrar facilmente na cabeça de um grego. Expliquei-lh'a conforme pude; e Alcibiades ficou curiosissimo de ver a cousa de perto.

« — Já agora, disse elle, não volto á eternidade sem ver alguma cousa do teu seculo, disse elle. Onde fica isso?

« — De vagar, repliquei-eu. Para ires la é preciso que deixes aqui a roupa que trazes, e vistas outra que te vou emprestar. Aliás imaginarás que representas uma comedia de Aristophanes. Anda commigo.

« — Não seja essa a duvida. Só te peço que te vistas primeiro. Levantei-me, e o meu hospede ficou immensamente admirado de me ver as calças, que elle chamou canudos de panno. Respondi que usavamos isto por maior commodidade; que o nosso seculo, mais recatado que esthetico determinára trajar de um modo compativel com seu decoro e gravidade. Alcibiades reflectio um instante, abanou a cabeça e seguiu-me ao quarto de vestir.

« Mudei de *toilette* o mais depressa que pude, com grande pasmo do atheniense. As calças pretas, por exemplo excitáram uma gargalhada que offendeu o meu melindre de homem moderno.

« — Canudos pretos! exclamou elle. Por que motivo preferes essa côr escura e feia?

« — Feia, mas seria. Vê entretanto, a graça do côrte. Afianço-te que é obra da melhor thesoura do Rio de Janeiro. Demais, é uso.

« O pasmo de Alcibiades augmentou quando me vio atar a gravata. Correu para mim, suppondo que ia enforçar-me. Tranquillisei-o, e vesti o collete.

« — Por Venus! exclamou elle. És a cousa mais singular que jamais vi. Estás todo côr da noite, — uma noite com tres estrellas apenas, — continuou apontando para os botões da camisa. O mundo deve estar immensamente melancolico, se escolheu para uso uma côr tão morta e triste. Nós eramos mais alegres; viviamos...

« Não pôde concluir a phrase; eu acabava de enfiar a casaca, e a cons; ternação do atheniense foi indescriptivel. Os braços cahiram-lhe, e uma especie de suffocação embargou-lhe a voz. Seus olhos estavam cravados em mim; o peito arfava-lhe. Emfim, pôde suspirar:

« — Estás completo?

« — Ainda não; falta o chapéo.

« — Oh! venha alguma cousa que possa corrigir o resto! disse elle. Assim pois, toda a elegancia que nós vos legamos, está reduzida a dois canudos fechados e dois canudos abertos e tudo d'essa cor enfadonha e negativa! Não, não posso crel-o. Alguma cousa ha de vir que corrija semelhante cousa. Põe o que te falta, meu caro; põe o que te falta.

Obedeci. Fui d'alli ao cabido, despendurei o chapéo, e pul-o na cabeça. Alcibiades olhou para elle e para mim, empallideceu e cambaleou. Corri ao illustre atheniense; era tarde. Tinha cahido no chão. Quando lhe puz a mão no peito, vi que estava deante de um cadaver. Que havia de fazer? Mandei-o para o necroterio. »

VICTOR DE PAULA.



**Figura 2:** Continuação - primeira versão de “Uma visita de Alcibiades”. *Jornal das Famílias* T. XIV, Outubro de 1876.



Figura 3: Segunda versão de “Uma visita de Alcibiades”, publicada na primeira página da Gazeta de Notícias (FOLHETIM), 01 de janeiro de 1882.

<sup>i</sup> E-mail do autor: renatorocha1990@gmail.com